

## AS TRILHAS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

João Carlos Favero<sup>1</sup> Emerson Neves da Silva<sup>2</sup>

### 1 Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma das maiores expressões de luta por justiça social no Brasil, atuando pela reforma agrária e defesa dos direitos dos trabalhadores do campo. Fundado nos anos 1980, o MST surgiu com o objetivo de conquistar a terra para aqueles que vivem da agricultura, geralmente em condições precárias. A luta do MST vai além da ocupação de terras: busca políticas públicas, melhores condições de vida e o fortalecimento da agricultura familiar. Neste contexto, é fundamental destacar o papel das mulheres no movimento, frequentemente invisibilizadas nas narrativas tradicionais. A entrevista com Romilda Vitor Bandeira — mulher camponesa, militante e liderança ativa no MST — permite compreender não só sua trajetória pessoal, mas também a história coletiva das mulheres rurais na luta pela terra e dignidade. A partir de sua vivência, busca-se analisar o contexto histórico e social da reforma agrária no Brasil e as transformações geradas pelo movimento na vida das famílias do campo.

---

<sup>1</sup> Bolsista CNPQ, Estudante do sexto período de história, UFFS, Campus Chapecó. Chapecó - SC.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Campus Chapecó/SC.

## 2 Objetivos

O objetivo deste trabalho é compreender, por meio da entrevista com Romilda Vitor Bandeira, a importância da luta pela terra dentro do MST, com foco na participação das mulheres no processo de organização e resistência. Busca-se evidenciar:

- As dificuldades enfrentadas pelas famílias acampadas e assentadas.
- A atuação feminina dentro do movimento.
- As transformações sociais e econômicas resultantes da conquista da terra.
- Os desafios ainda presentes no campo, especialmente relacionados à infraestrutura, saúde, educação e políticas públicas.

## 3 Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho é qualitativa com base em uma entrevista semiestruturada realizada com Romilda Vitor Bandeira, liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A partir do relato oral da entrevistada foram identificados elementos significativos que ilustram a trajetória das famílias sem-terra, suas estratégias de resistência e os processos de mudança vivenciados ao longo dos anos.

O conteúdo foi organizado em eixos temáticos (origem, acampamento, conquistas, desafios, impacto social) e analisado de forma descritiva, respeitando a perspectiva da entrevistada como sujeito histórico e político. Nenhuma outra fonte bibliográfica foi utilizada, com o intuito de valorizar a narrativa pessoal como fonte primária e legítima de conhecimento.

## 4 Resultados e Discussão

A entrevista com Romilda Vitor Bandeira revela múltiplas dimensões da experiência dos trabalhadores sem-terra no Brasil, com ênfase na centralidade das mulheres no processo de organização, resistência e transformação social. O relato permite uma análise aprofundada dos impactos da luta pela terra não apenas na esfera material, mas também nas dimensões simbólica,

cultural e subjetiva da vida camponesa.

#### ***4.1 A ocupação como ruptura com a exclusão histórica***

A trajetória de Romilda inicia-se em um contexto de exclusão comum a milhares de famílias do meio rural. Oriunda da cidade de Quilombo, Santa Catarina, ela vivenciou, desde cedo, a instabilidade da vida em terras arrendadas ou sob ameaça constante de despejo. A decisão de ocupar a Fazenda Irani em 1987, junto a mais de 300 famílias, representa uma ação de ruptura com esse ciclo histórico de marginalização fundiária. A ocupação não foi apenas uma estratégia de sobrevivência, mas um gesto político, consciente e coletivo, de enfrentamento ao latifúndio e à concentração fundiária — problemas estruturais do campo brasileiro.

A ocupação da fazenda e, posteriormente, a realocação para Campo Erê, evidenciam o caráter contínuo da luta: ainda que a primeira tentativa não tenha sido bem-sucedida, as famílias persistiram, reinventando suas estratégias e reafirmando seu compromisso com a reforma agrária.

#### ***4.2 O acampamento como espaço de resistência e reorganização da vida***

A experiência no acampamento foi marcada por privações: fome, falta de água potável, ausência de saneamento e de serviços básicos. No entanto, Romilda destaca que o acampamento também foi um espaço de construção coletiva, solidariedade e reconfiguração das relações sociais. As famílias não apenas resistiam às violências externas, como também se engajavam ativamente na organização interna: construía casas, formavam comissões, discutiam em assembleias e buscavam alternativas para a autossustentação.

As mulheres, segundo Romilda, foram protagonistas nesse processo. Mesmo em um ambiente dominado por lideranças masculinas, elas assumiram papéis fundamentais na manutenção da vida cotidiana, no cuidado com os filhos, na preparação dos alimentos e, sobretudo, na articulação política do movimento. A atuação de Romilda nesse espaço não se limitou ao âmbito doméstico: ela emergiu como liderança, contribuindo para a mobilização das famílias e para o fortalecimento interno do MST.

#### ***4.3 Conquista da terra e transformação do território***

Com o avanço da luta, as famílias conquistaram o direito de permanência no território. A titulação das terras representou um marco fundamental na trajetória do grupo, conferindo não apenas segurança jurídica, mas também reconhecimento político e simbólico. No entanto, como

Romilda ressalta, a terra por si só não era suficiente. A ausência de políticas públicas específicas para o assentamento limitava o potencial de desenvolvimento da comunidade. As dificuldades com infraestrutura, transporte, acesso à saúde e à educação se somavam à instabilidade dos mercados agrícolas e à falta de crédito para pequenos produtores.

Mesmo diante dessas adversidades, o assentamento se transformou em um espaço de reinvenção do modo de vida camponês. Romilda destaca que a agricultura familiar passou a ser compreendida como alternativa viável e sustentável frente ao modelo do agronegócio. A produção passou a ser organizada de forma coletiva, com troca de saberes e fortalecimento de práticas agroecológicas. Essa mudança no estilo de vida também gerou transformações na identidade dos assentados, que passaram a se ver como sujeitos políticos e agentes de mudança.

#### ***4.4 Liderança feminina e superação do machismo estrutural***

A trajetória de Romilda também evidencia a luta dentro da luta: o enfrentamento do machismo e a busca por igualdade de gênero dentro do próprio movimento. Historicamente, o espaço rural reproduz uma lógica patriarcal que invisibiliza o trabalho e a voz das mulheres. Romilda, porém, se impôs como liderança, organizando outras mulheres, promovendo debates e exigindo a inclusão feminina nos processos decisórios.

Essa atuação teve impactos significativos: a formação de grupos de mulheres, a criação de espaços de escuta e a valorização da liderança feminina fortaleceram o movimento como um todo. A luta pela terra passou a incorporar a luta pela autonomia das mulheres, ampliando a compreensão de reforma agrária para além da distribuição fundiária — passando a incluir também justiça social, equidade de gênero e transformação cultural.

## **5 Conclusão**

A trajetória de Romilda Vitor Bandeira evidencia a força da mobilização popular na conquista de direitos fundamentais no Brasil. Sua atuação dentro do MST, desde as ocupações até a consolidação do assentamento, reflete o papel essencial das mulheres na organização e resistência rural. A luta pela terra, mais do que uma demanda por espaço físico, representa a busca por justiça social, dignidade, educação e saúde para as famílias do campo. Mesmo diante das conquistas, os desafios permanecem: ausência de políticas públicas consistentes, precariedade na infraestrutura, escassez de investimentos e falta de apoio à agricultura familiar. A experiência de Romilda mostra que a luta pela terra é permanente e que o protagonismo

feminino é uma das chaves para a transformação social no campo. Sua história é um exemplo de como a ação coletiva pode mudar realidades e construir futuros mais justos e igualitários.

### **Referências Bibliográficas**

Entrevista com **ROMILDA VITOR BANDEIRA**. (Fonte Primária)

**Palavras-chave: MST; História; Memória; Agroecologia**

**Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2024-0248**

**Financiamento:**

